

REZANDO PELA CARTILHA FREUDIANA: A FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE POR INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS

Nilton Rodrigues Junior¹

Resumo: A relação entre instituições religiosas e a formação em psicanálise constitui um fenômeno ainda pouco explorado na literatura brasileira, apesar de sua crescente visibilidade. Nas últimas décadas, igrejas, seminários, faculdades confessionais e institutos teológicos passaram a ofertar cursos de psicanálise. Um levantamento preliminar identificou mais de vinte instituições religiosas que divulgam essa formação, suscitando questões epistemológicas, políticas e profissionais. À luz da Resolução CFP nº 7/2023, que reafirma a laicidade como princípio da Psicologia e veda a associação entre práticas psicológicas e doutrinas religiosas, esse fenômeno demanda investigação sistemática. Este projeto busca compreender como essas instituições estruturam seus cursos, quais conteúdos privilegiam, que identidade profissional projetam e quais racionalidades sustentam a aproximação entre psicanálise e religião. A hipótese é que realizam uma apropriação seletiva da psicanálise, incorporando conceitos compatíveis com suas doutrinas, excluindo aspectos conflitantes e reorganizando a formação para produzir modelos híbridos que reforcem autoridade pastoral e legitimidade institucional. A pesquisa será desenvolvida por meio de levantamento documental e análise de conteúdo. O corpus compreenderá sites, ementas, regulamentos, materiais de divulgação, documentos institucionais e, quando possível, entrevistas com coordenadores ou docentes. A análise será organizada em dois eixos: um horizontal, dedicado à descrição das ofertas formativas de cada instituição; e outro vertical, comparativo, confrontando esses modelos com parâmetros historicamente adotados por escolas e sociedades psicanalíticas reconhecidas. Espera-se contribuir para o debate sobre laicidade e regulação do cuidado, compreender a circulação da psicanálise fora de seus circuitos tradicionais e analisar as transformações contemporâneas nas relações entre religião, ciência e subjetividade, evidenciando como discursos psicanalíticos são apropriados e ressignificados em contextos religiosos.

Palavras-chave: Psicanálise. Instituições religiosas. Formação.

¹ Pós-doutorado em Teologia pela PUC/Rio. Doutor e Mestre em Antropologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bacharel em Psicologia pela Universidade Santa Úrsula. Docente da Universidade Estácio de Sá. Bolsista do Programa Pesquisa, Produtividade, Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora – UNESA. E-mail: niltonjunior ofs@gmail.com.

PRAYING FOR THE FREUDIAN BOOKLET: PSYCHOANALYSIS TRAINING BY RELIGIOUS INSTITUTIONS

Abstract: The relationship between religious institutions and training in psychoanalysis is a phenomenon that has not yet been explored in Brazilian literature, despite its growing visibility. In recent decades, churches, seminaries, confessional colleges and theological institutes have started to offer psychoanalysis courses. A preliminary survey identified more than twenty religious institutions that disseminate this formation, raising epistemological, political and professional questions. In light of CFP Resolution nº 7/2023, which reaffirms secularism as a principle of Psychology and prohibits the association between psychological practices and religious doctrines, this phenomenon demands systematic investigation. This project seeks to understand how these institutions structure their courses, what contents they privilege, what professional identity they project and what rationalities sustain the approximation between psychoanalysis and religion. The hypothesis is that they carry out a selective appropriation of psychoanalysis, incorporating concepts compatible with its doctrines, excluding conflicting aspects and reorganizing training to produce hybrid models that reinforce pastoral authority and institutional legitimacy. The research will be developed through documentary survey and content analysis. The corpus will comprise websites, menus, regulations, dissemination materials, institutional documents and, when possible, interviews with coordinators or professors. The analysis will be organized in two axes: a horizontal one, dedicated to the description of the training offers of each institution; and the other vertical, comparative, confronting these models with parameters historically adopted by recognized psychoanalytic schools and societies. It is expected to contribute to the debate on secularism and regulation of care, to understand the circulation of psychoanalysis outside its traditional circuits and to analyze the contemporary transformations in the relations between religion, science and subjectivity, evidencing how psychoanalytic discourses are appropriated and resignified in religious contexts.

Keywords: Psychoanalysis. Religious institutions. Training.

Introdução

Esse artigo é o resultado preliminar de um programa de pesquisa mais amplo dedicado a formação da psicanálise oferecida por instituições religiosas. Seu objetivo é apresentar as primeiras impressões sobre o tema, bem como a hipótese que orienta o estudo, seus fundamentos teóricos e indicar as inquietações que orientam o desenvolvimento da investigação.

Lacan ao tratar, em diversos lugares de sua obra, da formação do analista, afirmou na sua *Proposição de 9 de outubro de 1967* que “o psicanalista só se autoriza de si (...) isso não impede que a Escola garanta que um analista depende de sua formação” (Lacan,

2003, p. 248). Seis anos depois, em a *Nota Italiana* afirmou: “Autorizar-se não é autorizar-se. Pois afirmei, por outro lado, que é do não-todo que depende o analista (...) a análise é necessária para tanto, mas não é suficiente. Somente o analista, ou seja, não qualquer um, autoriza-se apenas de si mesmo” (Lacan, 2003, p. 312).

A partir dessa inquietação – quem autoriza o psicanalista? – é que me debruço sobre o tema da minha pesquisa: a oferta de cursos de formação em psicanálise promovidas por instituições religiosas.

A expansão da psicanálise para além das instituições tradicionalmente vinculadas ao seu ensino tem produzido novas formas de transmissão e formação. Entre elas, destaca-se a crescente oferta de cursos de formação e especialização em psicanálise promovidos por instituições religiosas, fenômeno que tem despertado interesse tanto pelo aumento quantitativo dessas iniciativas quanto pelas questões teóricas e institucionais que suscitam. Trata-se de um campo ainda pouco explorado pela literatura acadêmica, especialmente no que se refere às relações entre saber psicanalítico, formação do analista e pertencimento religioso.

Nesse contexto, interessa-nos investigar de que modo essas instituições se apropriam dos conceitos, autores e práticas da tradição psicanalítica, bem como os critérios que mobilizam para legitimar seus processos formativos. Partimos da hipótese de que a inserção da psicanálise em ambientes confessionais produz tensões e articulações singulares entre a lógica da fé, os dispositivos de ensino e a ética própria da psicanálise. Assim, mais do que avaliar tais experiências, buscamos compreender as condições históricas, discursivas e institucionais que tornam possível a emergência desse fenômeno na contemporaneidade

1. Religião e dispositivos de cuidado

No contexto brasileiro contemporâneo, instituições religiosas continuam desempenhando papel central como espaços de acolhimento subjetivo, escuta e orientação existencial, sobretudo em territórios marcados por desigualdades sociais e limitada oferta de serviços formais de saúde mental. Em muitos desses contextos, práticas pastorais e aconselhamento espiritual funcionam como dispositivos primários de cuidado psíquico, constituindo redes informais de apoio que antecedem ou substituem a procura por atendimento clínico especializado. É nesse cenário que se observa a crescente

incorporação do vocabulário e de referenciais conceituais da psicanálise por instituições religiosas, que passam a estruturar cursos, formações e atividades de orientação baseadas, ao menos nominalmente, nesse repertório teórico. Tal movimento sugere não apenas uma circulação ampliada do saber psicanalítico fora de seus circuitos tradicionais (Sociedades e Escolas), mas também a emergência de formas híbridas de cuidado que articulam espiritualidade, escuta subjetiva e linguagem psicanalítica. Investigar essas experiências torna-se, portanto, relevante não apenas para a compreensão das relações entre psicanálise e religião, mas também para a análise de seus efeitos sociais concretos, especialmente no que diz respeito às práticas comunitárias de acolhimento, à produção de sentidos sobre sofrimento psíquico e às modalidades de cuidado disponíveis em espaços religiosos. Ao situar essas formações no cruzamento entre saúde, espiritualidade e intervenção comunitária, buscamos contribuir para o entendimento das transformações contemporâneas nos modos de atenção ao sofrimento humano, evidenciando como diferentes regimes de saber se articulam na construção de respostas sociais à demanda por escuta, orientação e cuidado.

Em maio de 2013, o GT Nacional Laicidade e Psicologia do Sistema Conselhos, que reúne o Conselho Federal de Psicologia e os Conselhos Regionais, publicou um posicionamento aprovado na Assembleia de Políticas, da Administração e das Finanças. O documento estabelece diretrizes sobre as relações entre psicologia, religião e espiritualidade e reafirma que, por integrar o conjunto de instituições responsáveis pela preservação do Estado de Direito, a Psicologia deve orientar suas práticas conforme o princípio constitucional da laicidade. Tal compromisso fundamenta as ações de orientação, fiscalização e regulamentação da profissão, constituindo, segundo o próprio texto, parte indissociável do “compromisso social da Psicologia”. O documento acrescenta ainda a necessidade de “toda cautela para que seus conhecimentos, fundamentados na laicidade da ciência, não se confundam com os conhecimentos dogmáticos da religião”.

A Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 7/2023, que estabelece normas para o exercício profissional quanto ao caráter laico da prática psicológica, pois oferece o marco normativo contemporâneo a partir do qual se torna possível compreender, problematizar e analisar criticamente as ofertas de cursos de psicanálise por instituições religiosas. Ao reafirmar que a psicóloga e o psicólogo devem pautar sua atuação na

laicidade do Estado e da Ciência, e vedar explicitamente a associação de conceitos, métodos e técnicas psicológicas a crenças religiosas, a Resolução delinea os limites institucionais que regulam a interface entre saber psicológico, práticas formativas e fenômeno religioso. Seu texto nos permite situar o campo das disputas contemporâneas sobre a legitimidade, a regulação e a circulação do saber psicanalítico fora das instituições oficialmente reconhecidas, oferecendo subsídios para interpretar as tensões entre formação laica, produção de subjetividades e práticas de ensino que reivindicam o estatuto de psicanálise.

2. Psicanálise e religião: estado da arte e metodologias

Se, no campo da Psicologia, a laicidade aparece como condição normativa, no campo da Psicanálise o debate assume contornos históricos específicos. Freud estabeleceu, entre 1909 e 1913, um diálogo consistente com o pastor protestante Oskar Pfister, a quem escreveu, em 9/2/1909, que “a psicanálise em si não é religiosa nem antirreligiosa” (Freud, 1998, p. 25). Em outra missiva, em 25/11/1928, Freud reafirma sua posição ao assinalar o desejo de “proteger a análise dos médicos [...] e dos sacerdotes”, defendendo sua prática por uma categoria laica de “curadores da alma” que “não necessitam ser médicos e não podem ser sacerdotes” (Freud, 1998, p. 167). A partir dessas formulações, a laicidade, ainda que nem sempre tematizada explicitamente, tornou-se um princípio operativo amplamente reconhecido pelas diferentes tradições psicanalíticas.

Desde sua fundação, a Psicanálise se constituiu mediante a participação de múltiplos atores e instituições que, embora muitas vezes concorrentes, convergem quanto a certos critérios mínimos a respeito da formação psicanalítica: análise pessoal, supervisão por analistas experientes e fundamentação teórica sólida. Freud, em seu texto *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?*, de 1909, afirmou o seguinte sobre a formação dos psicanalistas:

O que ele necessita teoricamente pode ser obtido na literatura especializada e aprofundado nas reuniões científicas das sociedades psicanalíticas, assim como na troca de ideias com os membros mais experientes. Quanto à experiência prática, além do que aprende na análise pessoal ele adquire ao tratar pacientes, sob aconselhamento e supervisão de colegas já reconhecidos (Freud, 2010, p. 378).

Esses elementos, reconhecidos internacionalmente como o chamado “tripé” da formação psicanalítica, pressupõem uma transmissão ancorada em dispositivos específicos e, historicamente, distanciada de enquadramentos religiosos.

É nesse ponto que emerge uma questão central de nosso artigo: em que medida a Psicanálise pode ser ensinada por instituições religiosas que afirmam utilizar integralmente o instrumental psicanalítico? Ou, de modo mais direto: o que diferencia a transmissão psicanalítica realizada por escolas e sociedades reconhecidas no campo da Psicanálise daquela oferecida por instituições confessionais?

Em um levantamento preliminar foram identificadas mais de vinte instituições religiosas, como igrejas, seminários e institutos, oferecendo cursos teóricos e até formações psicanalíticas fundamentadas, ao menos formalmente, no tripé freudiano². A análise dos sítios eletrônicos dessas instituições evidencia um quadro heterogêneo: algumas oferecem cursos livres de introdução à Psicanálise; outras afirmam oferecer formação completa, adotando nominalmente o tripé freudiano. Contudo, permanecem pouco claras as bases epistemológicas, metodológicas e institucionais que orientam tais ofertas. Essa opacidade reforça a necessidade de novas pesquisas, que permitam compreender de modo rigoroso as formas de apropriação, reelaboração e transmissão da Psicanálise no interior de instituições religiosas. Questões importantes que podem dirigir tais investigações: afinal, o que exatamente essas instituições entendem por Psicanálise? Quais critérios formativos elas adotam? E, sobretudo, em que medida tais critérios convergem ou divergem dos parâmetros historicamente legitimados pelas escolas e sociedades psicanalíticas?

Em síntese, a proliferação de instituições religiosas que afirmam ensinar ou formar psicanalistas levanta questões decisivas para a compreensão das fronteiras, tensões e acomodações entre Psicanálise e religião no Brasil contemporâneo. Mapear esses

² (1) Filemon Escola Superior de Teologia, (2) Centro Teológico Psicanalítico, (3) Faculdade Teologia Fama, (4) Seminário de Educação Teológica Kerigma Didache, (5) Seminário Teológico Evangélico e Psicanalítico do Rio de Janeiro, (6) Instituto de Educação Teológica de São Paulo, (7) Instituto Bereano de Teologia, (8) Faculdade de Teologia e Filosofia Nacional, (9) Portal da Formação Teológica, (10) Instituto Gamaliel, (11) Instituto Educacional de Teologia Evangélica, (12) Instituto de Educação Escola de Profetas Logos e Rhema, (13) Faculdade Teológica e Cultural da Bahia, (14) Instituto Bíblico das Assembleias de Deus no Estado do Rio de Janeiro, (15) Instituto Teológico Peniel, (16) Faculdade de Teologia e Ciência, (17) FATEF, (18) Igreja Comunidade Messiânica, (19) Universidade Cristã do Brasil, (20) Instituto Yahweh, (21) Escola Teológica Seminário Bíblico, (22) Faculdade Unida do Brasil, (23) Faculdade Livre Teológica Brasileira, (24) Instituto Educacional Videira, (25) Faculdade Vitória em Cristo, (26) Instituto Onari.

espaços, descrever seus modos de operação e analisar criticamente as racionalidades que os sustentam constitui, portanto, uma tarefa indispensável para compreender as articulações realizadas entre a apropriação da Psicanálise e o acolhimento do sofrimento psíquico por parte dessas instituições.

Em nossa revisão bibliográfica encontramos uma enorme lacuna acerca da bibliografia que trata das relações entre a formação em Psicanálise e as Religiões. A quase totalidade dos textos pesquisados tratam da interpretação psicanalítica do fenômeno religioso. O próprio Freud não dispensou atenção a essa relação, preferindo empreender uma análise profunda do fenômeno religioso. Os principais textos de Freud que tratam da religião são: *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907); *Totem e tabu* (1913); *O futuro de uma ilusão* (1930); *Uma experiência religiosa* (1928); *Moisés e o monoteísmo* (1939); *Um comentário sobre o antissemitismo* (1938).

Contudo, não pretendemos tratar, em nosso artigo, da análise psicanalítica da religião, mas da oferta de formação psicanalítica por parte de instituições religiosas, optamos por não trazer para nossa fundamentação teórica o vasto material existente acerca do tema da análise psicanalítica, tendo em vista, que contribui muito pouco para nossa análise. Nosso desafio, com a pesquisa, é o de produzir material bibliográfico para suprir essa carência por nós identificadas.

Freud tratou a religião da seguinte maneira:

Chamamos, então, uma crença de ilusão quando, em sua motivação, a realização de desejo passa para o primeiro plano, e, assim fazendo, desistimos de sua relação com a realidade, da mesma forma como a própria ilusão renuncia às suas comprovações (Freud, 2020, p. 264).

Em contrapartida tratou da Psicanálise não como um sistema de ilusão: “Não, nossa ciência não é nenhuma ilusão. Mas seria uma ilusão acreditar que poderíamos conseguir em outro lugar o que ela não pode nos oferecer” (Freud, 2020, p. 293). Freud tratava a religião como uma fuga da realidade e como um sistema que poderia poupar os sujeitos de elaborarem suas neuroses, seus sintomas: “a religião consegue poupar muitos seres humanos da neurose individual. Mas não mais do que isso” (Freud, 2020, p. 332).

Para Lacan “na religião, a precedente utilização da verdade como causa pelo sujeito, o sujeito religioso, entenda-se, é tomada numa operação completamente diferente” (1998,

p. 887). No mesmo texto, Lacan continua afirmando que “o religioso [...] instala a verdade num status de culpa. Daí resulta uma desconfiança em relação ao saber” (1998, p. 887).

Para Françoise Dolto “a psicanálise se ocupa da psicologia humana, mas não do que chamamos de espiritual. Seu objeto, em resumo, visa às interações de nosso psiquismo” (2010, p. 11). Sérgio David chega a afirmar que “para Freud, a psicanálise é incompatível com a religião [pois} a psicanálise não é uma pedagogia, não visa a fazer de ninguém religiosos e nem ateu” (2003, p. 49,50). Mas o desafio maior para nosso artigo é a afirmação de Lacan de que “se a ciência ganha ou a religião, a psicanálise está acabada” (2004). Será que poderemos compreender essa “batalha”? Será que algum dos lados deverá necessariamente vencer? Ou nossa pesquisa mostrará que há outras possibilidades de diálogo entre Religião e Psicanálise? Tais questões flutuam no ar a nossa frente durante todo o procedimento investigativo.

Sustentamos a hipótese de que, ao ofertarem cursos teóricos e formações em Psicanálise, instituições religiosas incorporam seletivamente conteúdos compatíveis com suas matrizes religiosas e éticas, instrumentalizando a formação psicanalítica para conferir maior autoridade aos seus membros. Nessa perspectiva, a formação teológica funciona como uma base que, conjugada à instrução psicanalítica, se traduz em capital simbólico e poder institucional. Partimos, portanto, da ideia de que, ao ofertarem cursos de Psicanálise, tais instituições selecionam apenas os elementos que não confrontam suas doutrinas, integrando-os de forma funcional às suas próprias agendas formativas. Assim, ao formar sujeitos religiosos com instrumental psicanalítico, essas instituições parecem atribuir-lhes maior autoridade simbólica e prática, já que a formação teológica constitui um denominador comum a esses segmentos. A Psicanálise, nesse contexto, torna-se um recurso de legitimação e poder.

Procederemos a um exaustivo levantamento e catalogação de sites, ementas, regulamentos e materiais de divulgação. Buscando identificar as categorias preliminares: currículo, objetivos formativos, papel do “psicanalista religioso”, vínculos com doutrinas religiosas entre outras.

Buscaremos identificar as formações discursivas que estruturam o uso institucional da psicanálise, mapeamento os enunciados que indicam tensões entre laicidade, cuidado espiritual e prática clínica, observando os deslocamentos semânticos dos principais conceitos psicanalíticos: transferência, inconsciente, sintoma, pulsão, gozo (Lacan,

2008). Nessa análise utilizaremos ao referencial da Análise do Discurso (Foucault, 1981; Foucault, 1992; Orlandi, 2015).

Uma comparação frutífera será feita entre os currículos religiosos e currículos adotados por sociedades e escolas psicanalíticas tradicionais. Avaliaremos as diferenças na composição do tripé formativo: análise pessoal, supervisão e teoria, para identificarmos as continuidades e rupturas em modelos pedagógicos e suas justificativas institucionais. Investigando as funções simbólicas desempenhadas pelos cursos dentro de cada instituição religiosa e as relações entre formação teológica prévia e uso da psicanálise como forma de autoridade pastoral e cuidado com o sofrimento psíquico.

Entretanto, enfrentamos dois desafios principais. O primeiro diz respeito à possibilidade de hibridização entre o campo religioso e o campo psicanalítico, o que pode obscurecer objetivos próprios de cada um. O segundo refere-se ao risco de que a defesa constitucional da liberdade religiosa seja confundida com a promoção de interesses específicos de determinados grupos.

Para enfrentar esses desafios, adotaremos uma estratégia de diferenciação analítica capaz de distinguir, conceitualmente, as racionalidades próprias de cada campo. Para isso, utilizaremos matrizes teóricas específicas tanto da psicanálise quanto das tradições religiosas, permitindo identificar de que modo cada instituição seleciona, reorganiza ou ressignifica elementos discursivos e formativos. A análise documental funcionará como um mecanismo metodológico de controle interno, pois possibilitará observar como a hibridização aparece em diferentes níveis de prática e discurso, evitando que a análise seja absorvida pela lógica institucional de um ou outro campo.

Assim, a superação desses dois desafios será buscada mediante uma combinação de rigor conceitual, triangulação metodológica, análise comparativa fundamentada em marcos normativos e postura reflexiva. Essas escolhas fortalecem a pesquisa, permitindo uma leitura clara, crítica e cientificamente robusta das tensões contemporâneas entre psicanálise e religião.

Toda nossa metodologia está orientada pela reflexão de Howard Becker acerca das implicações políticas da pesquisa. Como afirma o autor:

Proponho argumentar que [uma pesquisa sem contaminação política] não é possível e, portanto, que a questão não é se devemos ou não tomar

partido, já que inevitavelmente o faremos, mas sim de que lado estamos nós (Becker, 1977, p. 122).

Partimos, portanto, do reconhecimento de que toda investigação implica escolhas. Essas escolhas não anulam o rigor científico, mas o contextualizam. Também por isso não buscamos estabelecer uma “verdade” definitiva sobre as relações entre Psicanálise e religião; buscamos, antes, compreender as condições sociais em que tais relações são produzidas e justificadas. Ainda como nos lembra Becker, importa distinguir entre “a verdade de uma afirmação” e “as circunstâncias nas quais essa afirmação é feita” (1977, p. 124).

Do mesmo modo, a abordagem psicanalítica será empregada não como uma aplicação direta da Psicanálise ao social, mas, como alerta Sandra Almeida, a partir da compreensão de que “não é possível pensar o humano fora do campo da cultura” (Almeida, 1999, p. 55,56). Trata-se, portanto, de recorrer ao instrumental teórico da Psicanálise para evidenciar dinâmicas de desejo, poder e produção de sentido presentes nas relações entre instituições religiosas e práticas psicanalíticas.

Conclusão

A crescente oferta de cursos de formação em Psicanálise por instituições religiosas constitui um fenômeno social e institucional cuja expansão contrasta com a escassez de investigações acadêmicas dedicadas ao tema. Embora a Psicanálise tenha produzido uma extensa reflexão sobre o fenômeno religioso, permanece praticamente inexplorada a questão inversa: a apropriação da Psicanálise por organizações confessionais como fundamento de projetos formativos, práticas de cuidado e mecanismos de legitimação institucional. É precisamente essa lacuna que este artigo buscou evidenciar.

As reflexões aqui apresentadas permitem sustentar que esse objeto ultrapassa o debate tradicional acerca das relações entre Religião e Psicanálise. O que está em jogo não é apenas a coexistência entre dois campos de saber, mas a produção de novas modalidades de circulação, transmissão e institucionalização do discurso psicanalítico em espaços historicamente orientados por racionalidades teológicas. Nesse contexto, a formação em Psicanálise deixa de ser compreendida exclusivamente como um processo interno às escolas e sociedades psicanalíticas para tornar-se também um dispositivo de

produção de autoridade, reconhecimento e intervenção sobre o sofrimento psíquico em comunidades religiosas.

Ao mesmo tempo, a pesquisa tem como objetivo de apontar a necessidade de evitar tanto posições normativas quanto leituras simplificadoras. Não se trata de afirmar, de maneira apriorística, a incompatibilidade ou a compatibilidade entre Psicanálise e Religião, mas de compreender empiricamente as condições históricas, discursivas e institucionais que tornam possível essa aproximação. A hipótese de uma apropriação seletiva do saber psicanalítico por instituições religiosas permanece, neste momento, como um problema de pesquisa que deverá ser confrontado com um amplo conjunto de evidências documentais e analíticas.

A originalidade desta investigação reside, justamente, no deslocamento do foco da interpretação psicanalítica da religião para a análise das formas pelas quais a religião incorpora e reorganiza o discurso psicanalítico, abre-se uma agenda de pesquisa capaz de iluminar transformações contemporâneas nos modos de produção de subjetividades, nas práticas de cuidado e nas disputas por legitimidade científica e simbólica.

As etapas seguintes de nossa pesquisa deverão aprofundar o levantamento das instituições que oferecem formação em Psicanálise (confira nota de rodapé 2), analisar comparativamente seus currículos, dispositivos pedagógicos e concepções de formação, bem como investigar as trajetórias dos corpos docentes e discentes e egressos. Também será relevante examinar como conceitos fundamentais da tradição freudiana e lacaniana são reinterpretados nesses contextos e quais efeitos essa reconfiguração produz sobre a ética da prática psicanalítica, sobre as formas de acolhimento do sofrimento psíquico e sobre a constituição de novas identidades profissionais.

Mais do que oferecer respostas definitivas, este artigo pretende inaugurar um debate que, diante da expansão desse fenômeno no Brasil, torna-se cada vez mais necessário. Espera-se, assim, contribuir para a consolidação de um campo de investigação ainda incipiente e estimular novas pesquisas capazes de compreender, com rigor teórico, metodológico e histórico, as complexas relações entre Psicanálise, Religião, laicidade e formação na contemporaneidade.

Referências

- ALMEIDA, Sandra. *Subjetividade e cultura*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- BECKER, Howard. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Resolução CFP nº 7/2023*. Disponível em: www.cfp.org.br, acesso: 25/5/2026.
- DAVID, Sérgio. *Freud e a religião*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- DOLTO, Françoise. *O Evangelho à luz da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Rio de Janeiro: Forense, 1981.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1992.
- FREUD, Sigmund. *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939)*. Viçosa: Ultimato, 1998.
- FREUD, Sigmund. Deve-se ensinar a psicanálise nas Universidades? In. FREUD, Sigmund. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. O futuro de uma Ilusão. In. Freud, Sigmund. *Cultura, sociedade e religião: o mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. In. Freud, Sigmund. *Cultura, sociedade e religião: o mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- LACAN, Jacques. A ciência e a verdade. In. LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. Preposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In. LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LACAN, Jacques. Nota italiana. In. LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LACAN, Jacques. *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LACAN, Jacques. Entrevista inédita. *Magazine Littéraire*, Paris, n. 428, fev. 2004. Disponível em: <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1072/entrevista-1974-magazine-litteraire.pdf>. Acesso em: 12/6/2026.
- ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2015.